

Caderno de Cultura Nódoa no Brim

O Vampiro de Curitiba

Zelma Laurini (PPGEL/UNEMAT)

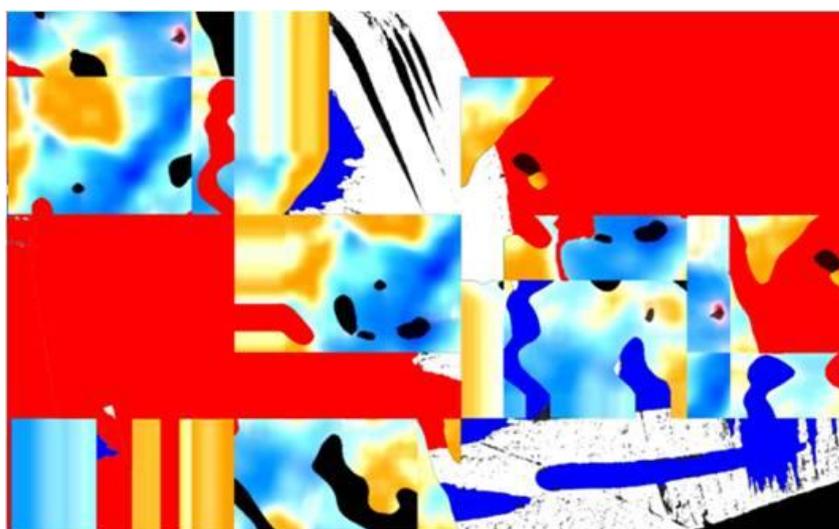
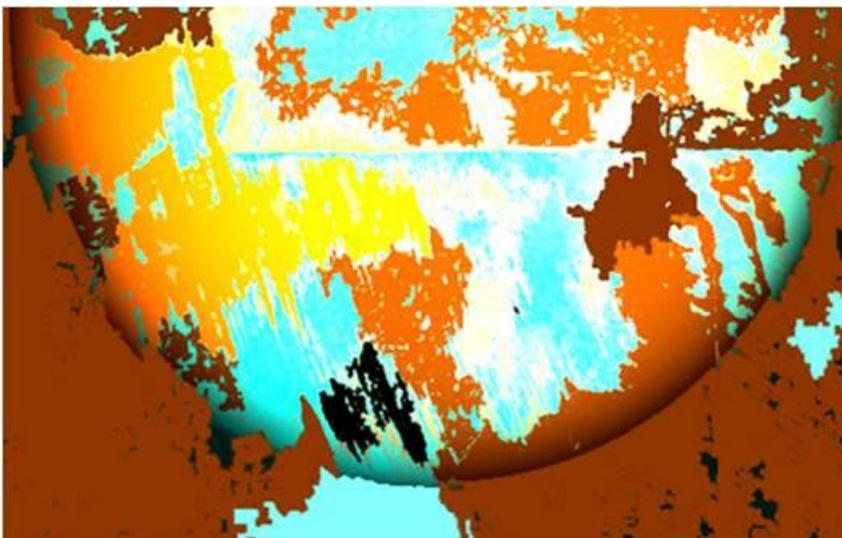


Dalton Jérson Trevisan nasceu na cidade de Curitiba, Paraná, em 14 de junho de 1925. Discreto, não concede entrevistas ou frequenta órgãos de comunicação social. Por esse motivo, recebeu o epíteto de *Vampiro de Curitiba*. Trevisan é também respeitado no exterior e ovacionado com inúmeros prêmios no Brasil. Suas primeiras publicações foram em modestos folhetos no tempo em que estudava direito. Trabalhou como editor da revista *Joaquim*, que homenageava a todos os joaquins do Brasil. A publicação tornou-se porta-voz de uma geração de escritores, críticos e poetas nacionais, posto que os ensaios ora eram assinados por autores da literatura brasileira, ora da literatura estrangeira.

Os contos de Trevisan, no início, eram mais longos e, com o passar do tempo, deixaram os padrões convencionais da literatura, tornando-se cada vez mais curtos, mostrando uma evolução em direção ao *haikai*, cuja escrita foi confundida como anotação devido ser uma forma muito sucinta, em que menos é sempre mais. Desta forma, prioriza-se apenas o essencial, requerendo uma percepção muito maior e, normalmente, relacionada à natureza. No entanto, com uma linguagem direta, Trevisan se debruça na natureza humana e nas ações mais simples do cotidiano.

Todavia, os contos trevisanianos não perdem o estilo e o fascínio que o gênero oferece. É sabido que sua maior contribuição na literatura brasileira ocorre no campo da linguagem, isto é, na forma de narrar a representação do homem moderno, inacabado e problemático. É uma arte inovadora, tornando-se, dessa maneira, necessário estudar não o “porquê” da escolha desse homem, mas “como” esse homem é narrado, expondo uma luta interna entre sujeito e mundo.

Wladimir Dias Pino



Caderno
de **Cultura**
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-SERRA DA NOTÍCIA
ISSN 2238-6467

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

PPGEL

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Samuel Lima da Silva é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEL.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras e possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

site: <http://www.nodoanobrim.com.br/>
e-mail: wdiaspino@gmail.com
ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra - MT CEP: 78300-000
Fone (65) 3326-4724 Fax 3326-6501

O Vampiro de Curitiba

Zelma Laurini (PPGEL/UNEMAT)

Trevisan é um autor/observador, e, com uma sensibilidade impressionante, capta momentos únicos do cotidiano com propriedade. Nada passa impune diante de seus olhos; é detalhista e perfeccionista, vê o que muitos não percebem como se usasse um microscópio para enxergar melhor cada detalhe que compõe o ser humano. Desse modo, escreve personagens com tanto realismo que, algumas vezes, chega a assustar.

Dessa forma, a leitura de suas obras provoca no leitor uma inquietação diante de suas narrativas, visto que elas expõem de modo singular os temas sobre a rotina do homem, cuja imagem representa uma fonte inesgotável de inspiração, e, sua terra natal – Curitiba – acaba por ser eternizada em suas narrativas, sempre com um olhar renovado para os desprivilegiados da sociedade, aqueles à mercê dos percalços da vida.

As personagens se repetem na mesma constância com que os temas e, nessa perspectiva, o narrador mostra a vida medíocre das personagens que sempre estão prontas a errar e a voltar ao ponto de partida, num constante conflito existencial em que o mundo e suas mazelas aparece ambientado na Curitiba dos becos, das esquinas, dos quartos e das ruas.

Dentre as obras do autor, destaca-se *O vampiro de Curitiba* (1965), cujos contos que compõem a obra não são possuidores de uma ordem cronológica, ou seja, da infância para a fase adulta. Neles, prevalecem as experiências – sobretudo as sexuais –, visto que o narrador, ao voltar ao passado, mostra o quanto é difícil envelhecer, expondo a vivacidade e a energia dos vinte anos até a velhice, momento do conformismo diante da falta do vigor dos anos dourados. Nesse horizonte, *O Vampiro de Curitiba* é uma obra que recupera a noção rodrigueana do maníaco tímido, e, tem por princípio essa formulação da personagem heroica que não difere do homem comum; aliás, o homem comum, desses que existem aos milhares nas cidades, é o tipo acabado de herói escroque, abordado nas narrativas do autor.

Por outro lado, a temporalidade dos acontecimentos não estabelece uma relação de causalidade entre o ser e o estar no meio social. Nessa perspectiva, as personagens estão sempre em algum lugar que lhes confere algo de relevante para a sua existência. Os contos articulam diferentes momentos da vida da personagem principal – Nelsinho –, ou seja, diferentes relacionamentos, calmos ou conturbados. As personagens femininas não possuem um padrão de beleza; não importa se são casadas, divorciadas, avós ou solteiras, pois o que prevalece é a sua necessidade do prazer ou da submissão ao prazer, mais especificamente ao desejo. Apesar disso, os contos não extrapolam os limites que os separam, mas se diferenciam na sequência escolhida por Trevisan, e, por essa razão, podem ser lidos como experiências independentes.

Os contos estão todos relacionados com as aventuras sexuais de Nelsinho, desde um “ficar” durante o horário de almoço, até chegar ao tempo da maturidade, da fase adulta. Mais ainda: se autoafirmando, vivendo a fase do “lobo” sempre em busca de mulheres bem mais jovens. Por conseguinte, Nelsinho é a representação do homem com comportamento infiel, pois a personagem apresenta o lado mais sórdido, os limites do prazer e o que é capaz de fazer para obter o que deseja.

A força do desejo pelo sexo domina o “homem”, maximizando suas fronteiras instintivas, adormecida no afeto, guiada pelos pensamentos depravados que controlam a razão. Nessa questão, a personagem se esconde no desejo e na forma mais intensa possível de satisfação. Dessa forma, temos a confirmação do macho na sociedade que precisa provar a todo custo a sua virilidade.

Ademais, o narrador dentro de cada trama vai tecendo uma teia na qual as personagens ficam interligadas, não havendo outra opção a não ser estar num determinado espaço, encarcerado pela atividade sexual. Todavia, o narrador sempre cria um novo lugar

para embutir uma nova aventura. Assim, uma aventura interliga a outra e Nelsinho visualiza exatamente o aquilo que o narrador permite, de modo que o narrador não se envolve naquilo que está sendo narrado, isto é, fica distante, onisciente, escondendo-se por entre o manto de sua personagem. Precisamente por esse motivo, cria-se um ar de trivialidade, de forma que, em algumas situações, o leitor acredita que a opinião foi expressa pelo narrador e não pela personagem.

Logo, temos um narrador que percorre toda a intimidade de cada personagem que surge em sua narrativa. Sendo assim, o narrador vai se configurando fundamental dentro da obra, já que é ele quem controla toda a narrativa. Mesmo quando se afasta, a figura do narrador se faz presente ao emprestar os olhos ao leitor para visualizar somente o foco projetado por ele. Destarte, temos uma narração que não demonstra dúvidas, mostando-se convincente da veracidade do seu ponto de vista. Por essa razão, conta e reconta as mesmas aventuras, contudo, com pontos de vista diferentes.

Em suma, a linguagem utilizada pelo narrador prende e, ao mesmo tempo, provoca, colocando o leitor na condição inquietante da dúvida, da necessidade de preencher os vazios deixados pela narrativa. Os diálogos são curtos e, em muitos casos, sutis, evidenciando um Nelsinho que engendra diálogos sabiamente pensados, sempre no intuito de conseguir uma parceira sexual. Podemos perceber que, por mais que a personagem Nelsinho tenha um comportamento agressivo, suas falas são como ferro quente que marcam cada personagem feminina que ele toca, e, esse toque, não deixa dúvidas, é único, não havendo uma dupla interpretação.



Biutiful: Uma Magistral e Sensível Abordagem Artística da Vida em Situações Limites

Dra. Ivana Ferigolo Melo (UNEMAT)



de forma fácil, isto é, sem precisar pagar impostos e submetendo os indivíduos a condições desumanas de trabalho.

Plenamente envolvido com o trabalho clandestino dos imigrantes, o protagonista de **Biutiful**, Uxbal, interpretado pelo talentoso ator espanhol Javier Bardem, descobre que tem uma doença terminal. A trágica descoberta coloca-o em uma corrida contra o tempo. Uxbal procura todas as alternativas para deixar a seus dois pequenos filhos uma quantidade suficiente de dinheiro no intuito de que sobrevivam, por um tempo, após sua morte, já que a mãe das crianças padece de transtorno bipolar. A complexa e longa trama, estruturada por uma temporalidade lenta e sequências de cenas cruas e chocantes, estimula a sensibilidade do expectador e o conduz a uma identificação profunda com as personagens que registram, no filme, intensos sofrimentos.

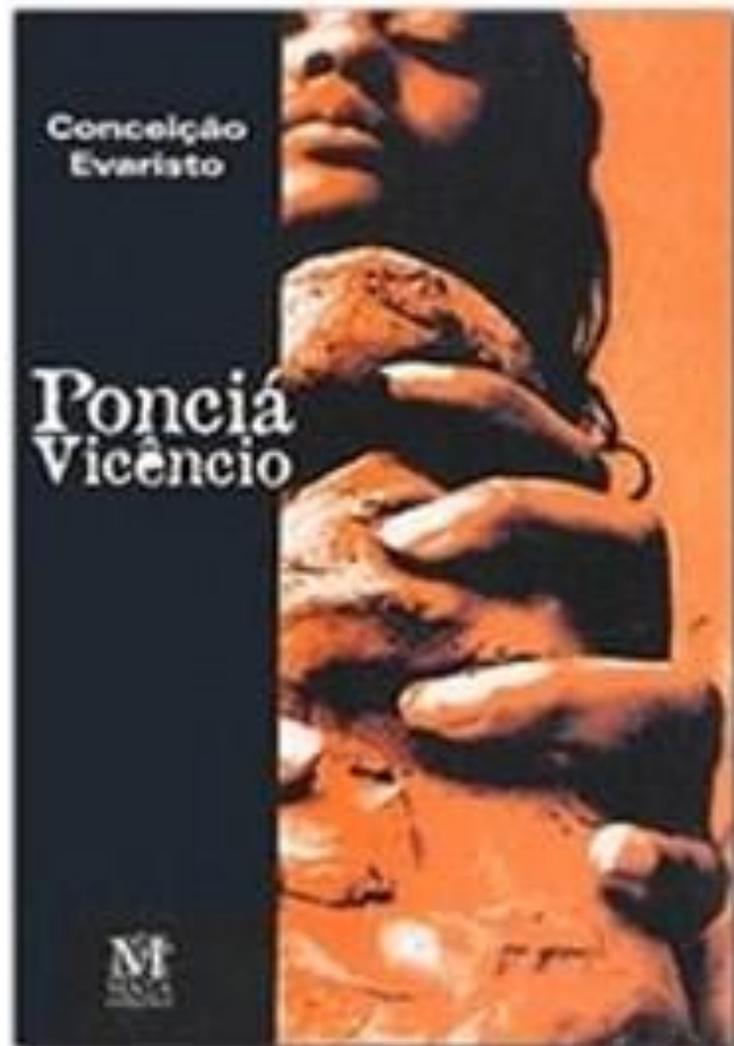
Biutiful nos leva a perceber o que pode fazer e sentir o ser humano em situações limites de vulnerabilidade, seja ela social, existencial, mental, espiritual, econômica, jurídica, física, etc. É, portanto, um filme plenamente indicado para aqueles que, através da arte, dispõem-se, também, a pensar sobre possíveis atitudes e comportamentos humanos em momentos complexos da vida.

Biutiful, lançado em 2011, é mais um dos magistrais filmes dirigidos pelo mexicano Alejandro González Iñárritu. Ambientado nos subúrbios de Barcelona, Espanha, o filme focaliza as precárias formas de vida de imigrantes, que, vivendo na miséria, na ilegalidade, sem, por isso, contar com o amparo do estado, tornam-se presas perfeitas para exploradores interessados em lucrar

Livro de Cabeceira

Ponciá Vicêncio

Adeilton Alexandre da Silva (UNEMAT)



Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma das principais expoentes da literatura Brasileira, nasceu em Belo Horizonte e hoje vive no Rio de Janeiro. Estreou na literatura na década de 1990, é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e militante ativa do movimento negro. Suas obras abordam no geral, questões sobre o racismo brasileiro e a condição de ser mulher e negra no país. Entre suas obras mais famosas, está o seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003, pela editora Mazza.

O romance conta a história da protagonista Ponciá, centrada na herança identitária do avô Vicêncio, estabelecendo-se assim, um diálogo memorialístico entre o real e o imaginado, criando uma conexão, ou seja, “emendando um tempo a outro” através da memória. A obra é narrada em terceira pessoa e se desenvolve com complexidade, frases são repetidas e intercaladas como se fossem peças de um quebra-cabeça, na intenção de ligar os fatos durante a leitura, arrastando o leitor por esse processo de (re)lembrar. A narrativa desenvolve-se de forma poética. Os acontecimentos do cotidiano são narrados de uma forma detalhada e sem atropelos.

E assim vai Ponciá. A moça que saiu de trem de uma cidadezinha qualquer, segue atravessando montanhas e mares. Para saber mais sobre Ponciá Vicêncio, convido-o a conhecer essa obra que aborda a exploração na zona rural, a migração e o sofrimento das famílias que vão dos campos para as cidades, coronelismo, trabalho das empregadas domésticas, do analfabetismo e da vida nas favelas.

Reflexões Sobre Teatro e Literatura: Entrevista com Wagner Corsino Enedino

Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)

O **Nódoa no Brim** realizou um bate-papo com o Professor Doutor **Wagner Corsino Enedino**, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Wagner é especialista em texto dramático, possuindo uma grande produção intelectual que averigua as intersecções entre literatura, texto e espetáculo.

Nódoa no Brim: Professor, como surgiu o seu interesse pelos estudos que investigam as relações entre teatro e literatura?

Foi durante a minha graduação, no Curso de Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas. Na época, lembro-me que o primeiro trabalho que desenvolvi com meus colegas de Curso (de caráter interpretativo) foi uma cena do célebre diálogo entre “Todo o Mundo” e “Ninguém”, “Dinato” e “Belzebu”, da peça medieval *Auto da Lusitânia*, do teatrólogo português Gil Vicente. Depois, encorajado pelo Professor de Literatura Brasileira, resolvemos, audaciosamente, interpretar algumas cenas de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.



N.B.: Como o senhor avalia a carência de disciplinas específicas sobre o gênero dramático nas atuais grades curriculares dos cursos de Letras no Brasil?

A Literatura, de forma geral, sempre sofreu com um número reduzido de aulas no Ensino Médio. Sabe-se que, na maioria das vezes, o texto literário foi/é usado como mero mecanismo reducionista para o ensino de estruturas normativas da nossa Língua. Dentro desse número reduzido de aulas, raramente há espaço para a fruição literária. Quase uma equação de causa e efeito, um considerável número das atuais grades curriculares dos cursos de Letras no Brasil não abarca o gênero dramático. O que é um grande dissabor. Infelizmente, a uma boa parte dos discentes, não são apresentados textos e dramaturgos. Nesse segmento, o que nossos alunos compreendem como estudo dos “gêneros literários” fica comprometido.

N.B.: É possível perceber, dada a sua produção acadêmica, um grande interesse pelo dramaturgo santista Plínio Marcos (1935-1999). O que mais lhe chama atenção nesse escritor?

Plínio Marcos retrata como **gente** aqueles que a sociedade rotula como “marginal”. Procura, por meio de seus textos, trazer para o leitor/espectador traços de lirismo na tragédia cotidiana, especialmente daqueles que ocupam os últimos degraus da escadaria social brasileira. É universal dentro do local. Para mim, Plínio Marcos é, fundamentalmente, um repórter de um tempo mau. Aquele que foi capaz de investigar, de acordo com o Sábado Magaldi “sem lentes embelezadoras a realidade [...] a fatia de vida

cortada ainda quente do cenário original [...].” Em suma, mais vale um Plínio Marcos na mão do que dois Shakespeares voando.

N.B.: Em seu livro *Plínio Marcos: sob o signo de um tempo mau* (2016), há um brilhante estudo sobre a peça teatral “Signo da Discoteque”. Em sua opinião, qual a relação da representação social que Plínio Marcos faz, nessa peça, com a sociedade, cultura e política na década de setenta, no Brasil?

Em minha opinião, essa é uma das peças menos conhecida/explorada de Plínio Marcos. *Signo da Discoteque* nasceu com o boom das discotecas em solo nacional. Com muitos produtos culturais advindos dos Estados Unidos na década de setenta. Nesse período, o país atravessava alto índice de influência estrangeira, sobretudo em relação aos produtos culturais americanos. Novelas como *Dancing Days*, de Gilberto Braga inaugurou um estilo sobre o comportamento da sociedade brasileira. A inspiração para a telenovela foi o filme *Os embalos de sábado à noite*, de John Badham, protagonizado por John Travolta. Essa película impulsionou o sucesso das discotecas em todo o mundo e, por extensão, no Brasil. Diante desse contexto, o poder criador de Plínio Marcos se fez presente em sua produção. O dramaturgo soube compreender os fatores sociais que constituíam a sociedade brasileira como matéria-prima a ser trabalhada com sua pitoresca e tradicional licença poética. Todavia é importante destacar que esses fatores na peça “Signo da Discoteque” são apenas pano de fundo. A meu ver, o que se destaca na obra são as relações familiares e o papel que o gênero feminino ocupa.



Reflexões Sobre Teatro e Literatura: Entrevista com Wagner Corsino Enedino

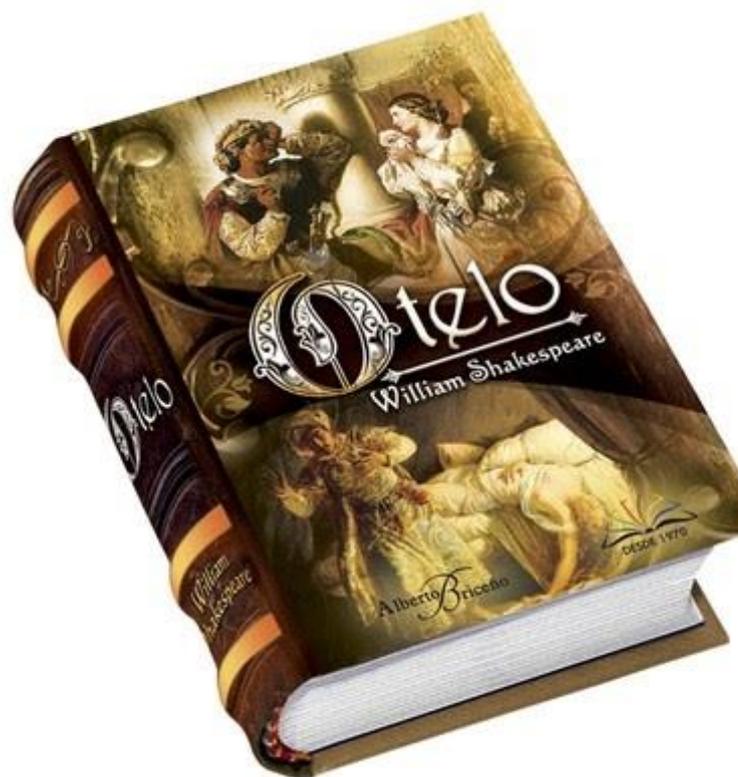
Samuel Lima (PPGEL/ UNEMAT)

atual cenário nacional, bem como a reação das pessoas a esse estilo de arte?

Avalio que temos que ter cuidado é com a pornografia travestida de dramaturgia e não com a nudez como arte performática. Essa é uma questão que temos que ter discernimento. Ao contrário do que apregoa o puritanismo disfarçado de censura, a performance realizada no Museu de Arte Moderna (MAN), em São Paulo, foi materializada em público, em ambiente civilizado e com a presença da mãe da criança no espaço artístico. Por outro lado, sabe-se que a maioria dos casos de pedofilia encontra-se no espaço social privado: familiar, orfanatos, escolas e até eclesiástico. O grande perigo é a intolerância na convivência social entre os que discursam em nome da liberdade artística e dos que discursam em nome dos costumes conservadores.

*N.B.: Por fim, o **Nódoa no Brim** agradece a sua colaboração, pedindo que o senhor indique alguns textos fundamentais do teatro ocidental, que todo estudante de literatura deve conhecer.*

No campo ficcional há vários. Considero seminal que os estudantes precisam ter contato com *Hamlet*, *Rei Lear* e *Otelo*, de William Shakesperare; *A morte de um caixeiro viajante*, de Arthur Miller; *Esperando Godot*, de Samuel Beckett; *Huis clos (Entre quatro paredes)*, de Jean-Paul Sartre; *Savannah Bay*, de Margarite Duras; *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues; *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; *Eles não usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri; *O pagador de Promessas*, de Dias Gomes e *Navalha na carne*, de Plínio Marcos.



N.B.: Ainda sobre a sua produção acadêmica, é notória a sua admiração pela dramaturga Cristina Mato Grosso. Quais são as contribuições dessa escritora para os estudos do teatro nacional?

Cristina Mato Grosso é a dama do teatro sul-mato-grossense. Faz parte da história do teatro de Mato Grosso do Sul. Seus textos são povoados dos mais diversos temas, motivos ou personagens que circula(ra)m na literatura de diferentes séculos e países. De forma criativa, a artista reapropria-se e desapropria-se deles. A dramaturgia de Cristina Mato Grosso é, para mim, a representação da arte de autoria feminina, da cultura popular e nos transmite as mais variadas formas de expressão contidas no Centro-Oeste brasileiro.

N.B.: A partir do início do século XX, percebe-se que a encenação se emancipou do texto dramático. Quais foram os pontos negativos e positivos desse movimento?

Sou um homem das Letras. Aprecio texto teatral de fôlego. Mesmo com a emancipação da encenação em relação ao texto dramático, sempre haverá espaço para um Aristóфанes, um Shakesperare, uma Marguerite Duras, um Nelson Rodrigues, um Ariano Suassuna, um Dias Gomes, um Plínio Marcos. Respeito as vertentes e as manifestações que se valem de um processo criativo. Ocorre, todavia, que aprecio a tessitura constitutiva de uma boa trama, da configuração e dos discursos das personagens, de compreender a poética espaço-temporal de uma história. Não ousa entrar em polarização entre pontos negativos e positivos do movimento; numa espécie de “Santa Inquisição” acadêmica.

N.B.: Tendo em vista a atual polêmica que envolveu uma criança que tocava o corpo de um artista nu, no Museu de Arte Moderna (MAN), em São Paulo, como o senhor avalia a produção de arte da performance no